



RESENHA

TORRE, Renée de la; ZÚÑIGA, Cristina Gutiérrez; HUET, Nahayeilli Juárez (coord.). *Variaciones y Apropiaciones Latinoamericanas Del New Age*. México: Publicaciones de la Casa Chata, 2013, ISBN: 978-607-486-218-8, 436 p.

Leila Amaral

Este é um livro que nos seduz e, provavelmente, seduzirá seus leitores interessados na dinâmica religiosa no mundo contemporâneo. Um mundo intensamente atravessado pela possibilidade de uma comunicação transnacional e no qual torna-se cada vez mais visível uma movimentação espiritual que aponta para uma tendência da religião em se tornar disponível à experimentação de indivíduos autônomos que operam independentemente de sua institucionalização ou preceitos universais. Uma movimentação que tem provocado a imaginação sociológica de pesquisadores contemporâneos num esforço interpretativo apoiado no rico instrumental teórico oferecido no decorrer da história da Antropologia e da Sociologia e também das Ciências Políticas e suas inter-relações.

Nesse veio teórico, eu destacaria o alerta de Gauchet (1984), no sentido de nos fazer perceber que tal movimentação não significa a superação da religião no coração de uma sociedade não religiosa. No desdobramento da religiosidade, no contexto cultural da modernidade, a supremacia da religião como estruturante da sociedade terminou. Contudo, pode-se observar, em sintonia com a argumentação de Byer (1994), a tendência a se tornar uma maneira privada de comunicação para ajustar-se como recurso cultural e servir a diversas mobilizações na sociedade, dirigidas para problemas que não são, necessariamente, religiosos. Alio a essas reflexões a teoria proposta por Featherstone (1991) sobre a pós-modernidade, em que aponta para a impossibilidade de o social, no atual contexto cultural, se ater aos limites de alguma narrativa segura, sólida e de validade universal, que, eu diria, tem gerado não um afastamento da religião, mas uma preferência crescente por experiências caracterizadas por seus praticantes como espirituais.

Inspirados em reflexões desta natureza e motivados pela visibilidade de um tipo de espiritualidade centrada na experiência subjetiva do sagrado – que, em meados da década de 60, no rastro dos movimentos de contracultura nos EUA e Europa, tira das

* Antropóloga, professora convidada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Atua na área de antropologia da religião, principalmente nos seguintes temas: religião e modernidade, sincretismo religioso, novas espiritualidades e religião e arte contemporânea.

sombras o paradigma romântico do século XIX (Campbell, 1987, 1997) – pesquisadores da religião, apoiados nas teorias de uma nova vertente inaugurada por Robert Bellah (1977), lançam seu olhar para uma espiritualidade marcada por uma heterogeneidade de práticas e discursos que mal lhes permitiam caracterizá-la como movimento. Provinha dessa heterogeneidade a dificuldade para encontrar um termo que poderia cobrir, sem controvérsia, uma “cultura religiosa” descentralizada em um campo em que diferentes discursos se cruzam e diversas áreas da vida – dos negócios, pessoal e espiritual – se misturam. Para nomeá-la, tem-se convencionado o uso do termo “nova era”, cuja definição tem sido motor de muitas controvérsias e mal entendidos conceituais. Tais controvérsias têm proporcionado, contudo, ricos esforços para compreender sua diversidade interna marcada por um movimento constante de cruzar e juntar domínios inusitados e permeados por contrastes, em um circuito transcultural. Todavia, apesar dos constantes fluxos de trans-localizações e realocações de patrimônios culturais-religiosos em âmbito global, não tem sido presenciada, até recentemente, uma unificação de discursos ou mesmo a emergência de uma religião homogênea e universal.

Atraídos por essa flexibilidade, plasticidade, porosidade e facilidade para operar a produção, a dispersão e a relação de diferenças em circulação, a partir de combinações heterodoxas de práticas e crenças culturais-religiosas, locais ou nacionais, pesquisadores dessa nova espiritualidade têm-se empenhado em esforços tanto teóricos quanto interpretativos. Se, por um lado, apresentam questões que apontam para sentidos divergentes do objeto de estudo, não anulam, por outro, um debate profícuo que pode resultar de uma provocação mútua.

Desde meados do século XX, pesquisadores motivados por tradições teóricas diversas que se constituíram na história da Antropologia e da Sociologia – e, como aponta Frigerio no livro que ora resenhamos (p. 68, nota 31), também por tradições nacionais dessas disciplinas – têm realizado esforços teóricos que eu, arriscando a não me aprofundar nas diversas possibilidades que oferecem, condensaria em duas abordagens interpretativas, cujo objetivo tem sido encontrar um sentido na heterodoxia combinatória que se faz notar no dinamismo que o fenômeno apresenta. Um dinamismo marcado por apropriações inusitadas, trocas desmesuradas, intensos fluxos e intercâmbios culturais-religiosos que uma experiência pessoal do sagrado torna possível. Aponto para diferentes abordagens cujos aportes teóricos tendem a dar ênfases: (1) a uma compreensão da *gramática das articulações* – adotando uma perspectiva cujo foco da análise dá-se mais em função da dimensão transcultural das questões formativas do fenômeno estudado do que em função da especificidade do fenômeno em ambientes culturais distintos; e (2) para a compreensão de *uma gramática de sentido* ou marco interpretativo, propondo-se, desta forma, a visualizar a especificidade de uma sensibilidade “nova era” para captar tanto as possibilidades de suas articulações com

matrizes de sentido distintas quanto os limites de articulações impostos por tais distinções.

No primeiro caso, foi possível para alguns pesquisadores – a partir de um estudo amplo, baseado em etnografias consistentes de manifestações de uma espiritualidade adjetivada de “nova era” e atraídos pela provocativa gama de interconexões culturais-religiosas que se configurava neste heterodoxo campo espiritual-religioso-terapêutico-estético – captar, através do termo “nova era”, um conceito teórico mais geral que condensasse a dimensão transcultural das questões formativas de uma cultura religiosa errante na atual configuração da sociedade contemporânea. O objetivo, naquele momento da pesquisa, foi o de demonstrar que a lógica constitutiva dessa cultura religiosa, referindo-se a uma lógica que aponta para o deslocamento de diferenças híbridas, apesar de se apresentar como um princípio universal, não nos permitia reconhecer em suas práticas um padrão universalizante, uma uniformização regionalizante ou mesmo uma uniformização globalizante, justo porque não se apresenta como uma lógica sistêmica. A partir dessa abordagem, poder-se-ia dizer que a sensibilidade espiritual usualmente adjetivada “nova era”, assim como as práticas e crenças do “circuito neoesotérico” (na terminologia de MAGNANI, p. 77) apresentam-se, entre outras, como variáveis possíveis, mas não as únicas, dessa cultura religiosa errante contemporânea. Tomo, aqui, a liberdade de citar meu próprio trabalho (2003), porque o vejo inserido no debate proposto nesta atual publicação. Nele dizia:

A universalidade de tal lógica não produz uma religião ou uma espiritualidade universal, mas práticas singulares (entre outras práticas possíveis, a que se convencionou chamar “nova era”) que não são, contudo, da ordem da identidade ou de uma interioridade qualquer, porque, trata-se neste caso, de um movimento, de um deslocamento incessante em si mesmo e em relação às outras práticas com as quais realizam combinações que implicam em aproximações e afastamentos (p. 50).

A atual publicação “Variaciones y Apropriaciones Latinoamericanas del *New Age*” vem contribuir com um riquíssimo material etnográfico e vigor de reflexão teórica para ampliar com criatividade interpretativa e rigor conceitual o debate relativo à segunda abordagem. O ponto central do livro, que articula as especificidades analíticas contidas no farto material etnográfico de cada capítulo, está na busca da compreensão de ***uma gramática de sentido*** para captar, no caso específico da espiritualidade “nova era”, as possibilidades, ou não, de suas articulações com distintas matrizes de sentido, provenientes do campo religioso latino americano.

Impossível comentar resumidamente a particularidade e a riqueza das interpretações contidas nas etnografias de cada um dos 15 capítulos que compõem essa

antologia. Permito-me apenas salientar aspectos mais gerais que perpassam a obra como um todo. Tendo como mote as múltiplas possibilidades de articulação da espiritualidade “nova era” com matrizes de sentido provenientes do amplo patrimônio cultural de religiosidades étnicas latino-americanas, seus autores exploram diferentes variedades dessa articulação provenientes de experiências localizadas no Brasil, Argentina, México, Guatemala, Bolívia, Peru e Espanha, assim como os limites de interação impostos por suas distinções.

As coordenadoras dessa antologia, Renée de la Torre, Cristina Gutiérrez Zúñiga e Nahayeilli Juárez Huet, às quais incluo as reflexões de Alejandro Frigerio no segundo Capítulo, impõem, com um fôlego incansável, desde a introdução do livro passando pelas introduções das quatro partes temáticas que dão organicidade aos capítulos, o que considero a grande riqueza do livro: uma ampla discussão crítica no âmbito das tradições teóricas clássicas da Antropologia e da Sociologia que vêm, desde os anos 60, nutrindo as interpretações de práticas e crenças particulares reconhecidas como “nova era”, assim como as teorias de cunho generalizante que se impuseram sobre essa novidade religiosa-espiritual. Trata-se de uma discussão minuciosa que demonstra a persistência e a pertinência da posição das coordenadoras para prover o leitor desse farto material etnográfico de perguntas provocativas que lhes permitem estabelecer um diálogo crítico construtivo com as distintas tradições disciplinares, especialmente no interior da Antropologia. É esse esforço constante de aproximação e distanciamento crítico por entre tradições teóricas clássicas e posições teóricas distintas no âmbito da sensibilidade espiritual “nova era” que nos chama a atenção para o objetivo central do livro: *exigir um rigor conceitual* dos pesquisadores envolvidos nessa antologia, sem, contudo, imobilizar o olhar criativo dos mesmos frente ao desafio de um campo cuja dinâmica não permite deixar de levar em conta as irregularidades tão produtoras de sentidos quanto o são suas regularidades. Essa qualidade primorosamente sustentada no decorrer do livro permite uma abertura de abordagens e posições relativamente distintas no interior do mesmo livro, o que, ao invés de levar a incongruências conceituais, nutre o pensamento no sentido de uma fruição de perguntas geradoras de novos problemas, cujas soluções, não se esgotam no próprio livro.

A fruição de perguntas que brotam frutuosamente no decorrer de toda a obra deixa transparecer, no diálogo aqui proposto, que a intenção é a de arcar seriamente com os desafios apresentados pelo hibridismo, cosmopolitismo e universalismo do estilo “nova era” de lidar com o sagrado, o espiritual e o religioso, acolhendo os esforços interpretativos de teorias hoje à disposição, assim como - como tão bem analisam Renée de la Torre e Lyzette Campechamo no Cap. 15 -, as possibilidades de re-significação de práticas, crenças, conhecimentos, rituais, símbolos e experiências terapêuticas amplamente difundidas pela internet, previamente amalgamadas e re-semantizadas pela espiritualidade “nova era”. A capacidade heurística aqui demonstrada busca encorajar

uma postura tanto metodológica quanto teórica que se distancie de extremismos que poderiam nos levar a crer tanto na vigência de um sincretismo exacerbado, movido por um individualismo confundido com egoísmo hedonista, quanto a uma confusão sobre a rica possibilidade de análise de uma polissemia ampliada no atual campo religioso transcultural como ausência de significados ou caos semiológico.

Ao contrário, o esforço heurístico aqui apresentado e exigido vem salientar, antes de tudo, que é possível, a partir de uma precisa compreensão do que as organizadoras e Alejandro Frigerio designam como sendo o marco interpretativo da espiritualidade “nova era” – nos termos de Renée de la Torre, sua “gramática de sentido” – perceber que a dimensão transcultural da “nova era” gerada por constantes fluxos de translocalizações e realocalizações de patrimônios culturais-religiosos não gera, necessariamente, uma universalização homogeneizadora da religião, nem mesmo dessa espiritualidade que se convencionou chamar “nova era”.

Cabe salientar, aqui, alguns eixos interpretativos que orientam os trabalhos que constituem a antologia.

1- Devido ao princípio holista, a religiosidade do *self* “nova era” não se confunde com individualismo hedonista. Em consonância com as reflexões de Paul Heelas em sua última publicação (2013), autoras como Cristina Gutiérrez Zúñiga vêm percebendo nas versões terapêuticas “nova era” o forte vínculo entre a energia individual e a energia cósmica a partir de uma complementaridade entre valores humanísticos e valores sagrados que fornecem um guia para as pessoas viverem uma vida saudável conquanto plena e perfeita, quando experimentam, por meios rituais e simbólicos, a conexão com o ambiente humano e natural ao seu redor. Portanto, uma expressão espiritual capaz de, a partir do aprimoramento pessoal, ajudar na promoção da humanidade e contribuir para mudanças vinculadas a movimentos sociais e ecológicos.

2- O atual estudo, ao colocar em foco de forma original a transnacionalização de práticas originárias das culturas e etnias latino-americanas em contextos culturais distintos, orientada por processos de busca espiritual ao estilo “nova era”, ao invés de reafirmar a tese da geração de uma espiritualidade transcultural e geopoliticamente neutra, procura demonstrar, ao contrário, a geração de novos significados geopolíticos deste fluxo cultural transnacional (229). De forma similar, pode-se perceber que, ao invés de uma homogeneização ou universalização da religião ou mesmo da “nova era” – de agora em diante, tornar-se-á problemático tomá-la no singular – o que se universaliza nesta transnacionalização cultural-religiosa é o consumo de bens culturais-religiosos tornado possível pela circulação de práticas locais que através de sua inscrição-reinterpretação se convertem em componentes de uma colagem multicultural e híbrida disponível para a reinvenção de buscadores espirituais em praticamente qualquer lugar do planeta. É isto que nos possibilita dizer, espero, em sintonia com os autores, que o

cruzamento entre a espiritualidade “nova era”, no caso, com as etnias latino-americanas e, provavelmente com outras, não produz uma religião tomada em separado das religiões existentes com as quais se confronta, nem se constitui como um movimento revolucionário também em separado delas (que, aliás, como dizem Carlos Steil, no Cap. 7 e Cristina Gutiérrez Zúñiga, no Cap. 10, “nunca se calam”), porque em ruptura com elas visaria produzir uma outra cultura religiosa totalmente nova. Daí a percepção aguda desses autores, em suas etnografias, das ambiguidades e tensões causadas nesse novo espectro de relações híbridas, enfrentados por seus praticantes em distintos âmbitos, cultural, social, religioso, com efeitos ideológicos e políticos paradoxais. É o momento dramático e crítico em que as irregularidades clamam por uma ordenação de sentido, gerando zonas de negociação nos diferentes níveis, local, transnacional e institucional, que, no dizer dos autores, impõem limites à ubiquação.

Fazendo eco com a primeira abordagem que indiquei nesta apresentação – a *gramática das articulações* – sem, contudo, identificar-se com ela, a *gramática de sentido* – aqui proposta, para o caso específico da espiritualidade “nova era” – permite-nos arriscar a dizer que os diferentes “elementos” tornados exóticos, alçados de um patrimônio cultural, no caso latino-americano, são colocados em comunicação com “elementos” de outros contextos culturais, religiosos e mesmo institucionais, num processo de constante invenção e improvisação, diríamos, de “mão dupla”. Isso se dá a partir da produção e dispersão de diferenças em circulação mais do que produção de identidades (o que seria o mesmo que variações dentro de um mesmo sistema, leia-se, “pura aproximação”) ou produção de diferenças irreconciliáveis (isto é, sem qualquer princípio que as aproximasse, o que seria o mesmo que “puro afastamento”). Abordagens desse tipo nos permitem perceber que a heterogeneidade não se faz apenas pelo trânsito de natureza espacial (a circulação por entre diferentes religiões ou campos culturais-religiosos), mas também pela introdução ou incorporação de linguagens no interior de instituições religiosas que, entretanto, não veem suas identidades ameaçadas.

Percebemos isto ao atravessar, com interesse crescente, as diferentes leituras proporcionadas pelas etnografias referentes aos diversos neoxamanismos latino-americanos; ao Catolicismo *new age*; às interações da *santería* no circuito neoesotérico; aos processos de reapropriação de um santo popular guatemalteco; à resignificação da dança *conchero-azteca* como terapia “nova era” no México e na Espanha; à resignificação “nova era” das religiões tradicionais da sociedade brasileira e o encontro das religiosidades não convencionais e “nova era” no Vale do Amanhecer, em Brasília; à invenção da “nova era” andina; às interpretações “nova era” do *oxlajuj b'aqtum* na Guatemala e à resignificação “nova era” do ciberespaço.

Não me ateei à particularidade de cada uma dessas etnografias, não por falta de espaço, mas para deixar ao leitor o sabor de desfrutar com prazer intelectual o diálogo que nos abrem seus autores. Permito-me apenas uma última observação. Fomos

presenteados por Renée de la Torre, Alejandro Frigerio, José Guilherme Cantor Magnani, Jacques Galinier, Maria Tereza Rodríguez, Alexandra Aguila Ros, Carlos Alberto Steil, Nahayelli Juárez Huet, Sylvie Pédrón Colombani, Cristina Gutiérrez Zúñiga, Silas Guerriero, Antoinette Molinié, Santiago Bastos, Engel Tally, Marcelo Zamora, Deis Siqueira e Lizette Campechano com o que C. Geertz nos incentivou e ensinou a fazer: verdadeiras “descrições densas”.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Leila. Um Espírito sem Lar: sobre uma dimensão “nova era” da religiosidade contemporânea. In: VELHO, Otávio (org). *Circuitos Infinitos*. São Paulo: cnpq/pronex/Attar, 2003.

BELLAH, Robert. The New Religious Consciousness and the Crisis in Modernity. In: GLOCK, C and BELLAH, R. *The Religious Consciousness*. Berkeley: University of California Press, 1977.

BEYER, Peter. *Religion and Globalization*. London: Sage, 1994.

CAMPBELL, Colin. *The Romantic Ethic and the Spirit of Consumerism*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

_____. A Orientalização do Ocidente. *Religião & Sociedade*, 18/1: 5-22, agosto, 1997.

FEATHERSTONE, Mike. Postmodernism, Consumer Culture and Search for Fundamentalism. Paper apresentado na UNESCO, Conference on People in Search of Fundamentals, Zeist, Neatherland, nov. 1991

GAUCHET, Marcel. Fin de la Religion? *Le Debat*, 28. 1984, pp.155-75.

HELLAS, Paul. CAM: Healing the Person, Spiritual Humanism and the Cultivation of Humanity. In: HENSE, E, JASPERS, F. and NISSEN, P. (eds.). *Present-Day Spiritualities*. Leiden-Boston: Brill, 2013, pp. 113-140.

Recebido: 18/11/2013

Aprovado: 12/12/2013